



PROEMUS

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DAS PRÁTICAS MUSICAIS

A música sertaneja e o baixo elétrico - Uma pesquisa exploratória sobre a produção de material de ensino aprendizagem do baixo elétrico na música sertaneja

Thiago Pinheiro de Siqueira Gomes
UNIRIO - thiago@thiagogomes.com.br

Resumo: O sertanejo é um estilo musical baseado na tradição oral, onde o aprendizado se faz principalmente por meio da escuta e da apreciação de outros músicos. As experiências práticas do autor como músico atuante deste estilo permitiram observar a inexistência de material com fins de ensino para o baixo elétrico voltado ao aprendizado da música sertaneja. O presente artigo apresenta um estudo exploratório onde discutimos a origem dos termos “sertanejo” e “caipira”, de forma a compreendermos o amplo universo onde se insere o gênero musical em questão, e buscamos em bases de dados na internet artigos sobre o ensino do contrabaixo e métodos publicados para este instrumento. O estudo tem como objetivo coletar e analisar dados de produções acadêmicas a partir, inicialmente, de uma abordagem quantitativa. A partir dos dados obtidos e das reflexões propiciadas por eles pretende-se elaborar um material que auxilie nos processos de ensino e aprendizagem do baixo elétrico e que ajude o músico no aprofundamento do estudo do estilo, o que pode aumentar o campo de trabalho do baixista que atua no mercado da música popular. Além disso, o material pode auxiliar a expandir os horizontes musicais dos alunos e ajudar a afirmar o estilo como parte importante da cultura brasileira.

Palavras-chave: música sertaneja, baixo elétrico, ensino-aprendizagem musical, material didático.

1. Introdução

Fui convidado em 2011 para ser baixista da banda de apoio de um cantor sertanejo que tinha acabado de gravar seu CD de estreia e preparava uma turnê de divulgação desse álbum. O convite era para tocar uma nova vertente, o sertanejo universitário. Ouvi o disco do cantor, os *covers* que estavam no repertório do show e reparei que era uma mistura de diversos estilos, divisões rítmicas e muito espaço para diferentes levadas¹ no contrabaixo.

Fizemos muitos shows pelo Brasil de 2011 a 2017, programas de TV como o "Mais você" da Ana Maria Braga e o "Programa do Jô" na rede Globo. Nessas vivências conheci muitos artistas, músicos, bandas, técnicos de som, *roadies* e outros profissionais em passagens de som, aeroportos, casas de shows, estúdios de TV e rádio. Assisti e conversei com muitos baixistas e foi possível perceber o perfil informal dos estudos musicais de grande parte dos que atuam nessa área. Mesmo que a música sertaneja seja de grande sucesso comercial, há uma ausência de materiais que auxiliem a organização sistematizada de um conhecimento próprio a este estilo. Assim, muitos músicos se dedicam a estudar, mas o fazem de maneira informal ou "de ouvido" por falta de material escrito e/ou audiovisual organizado de forma didática. Partindo deste princípio resolvi fazer uma pesquisa sobre as origens do sertanejo, suas principais vertentes e como o contrabaixo se coloca ou poderia se colocar nesse contexto. O presente artigo apresenta um estudo exploratório onde discutimos a origem dos termos "sertanejo" e "caipira" e buscamos em bases de dados na internet artigos sobre o ensino do contrabaixo e métodos publicados para este instrumento.

2. Música caipira ou sertaneja?

O estilo musical pesquisado é tema de algumas discussões e opiniões divergentes entre músicos, pesquisadores e apreciadores. Os diferentes termos comumente utilizados para se referir ao estilo, por exemplo, podem ser confundidos no seu significado e na atribuição a um determinado contexto musical, social e cultural.

Após uma pesquisa etimológica sobre o termo "sertanejo" no Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, descobrimos que a palavra "sertanejo" vem da

¹ Padrões rítmico-melódicos de acompanhamento que possuem caráter de identificação do gênero musical em questão.

junção de "sertão" com o sufixo "ejo", substantivo masculino que significa "o que habita". A palavra "sertão" vem do latim "sertanus" que é relativo ao bosque, aos locais não urbanos. O sertanejo pode ser um adjetivo para se referir àquilo que se relaciona, é próprio ou característico de áreas rurais. Já para o termo "caipira" encontramos no mesmo dicionário:

Pessoa que nasceu ou mora na roça ou em ambientes rurais e que comumente trabalha em serviços de lavoura de subsistência no Sudeste ou Centro-Oeste brasileiros. Indivíduo simples, ingênuo, tímido, de pouca ou nenhuma instrução e hábitos rudes, em geral habitante do campo. (TREVISAN, 2015)

Podemos observar que ambos fazem referência à vida no campo, ao ambiente geográfico, meio social, cultural, seus hábitos e costumes. Quando pesquisamos os termos "música caipira" e "música sertaneja" encontramos autores discorrendo sobre suas diferenças. De acordo com Silva (2018), a década de 1970 foi importante para definição de limites entre o uso de cada um dos termos. O autor observa que o jornalista José Ramos Tinhorão conceitua a música sertaneja como aquela que é dirigida, primordialmente, ao público urbano: "...nos anos de 1929 e 30, para datar, daí o surgimento, na cidade, de uma música caipira destinada a transformar-se, enquanto música comercial, nos estilos englobados sob o nome genérico de música sertaneja" (TINHORÃO, 1974, p. 189). Para Caldas (1977), o surgimento da música sertaneja se dá pela descaracterização da música caipira a fim de se adequar a padrões comerciais.

Alguns artistas também se pronunciaram a respeito, como a cantora Inezita Barroso em depoimento no livro Enciclopédia das Músicas Sertanejas (MUGNAINI JÚNIOR, 2001, p.24): "A música caipira só canta sobre a vida do campo, incluindo histórias de bichos ... já a música sertaneja, feita na cidade, só fala de coisas da cidade geralmente as mais dramáticas e negativas".

Um ponto marcante na história desse estilo foi o primeiro registro fonográfico que aconteceu no final da década de 1920², quando o jornalista Cornélio Pires propôs ao escritório representante no Brasil da gravadora Columbia gravar e lançar discos do que chamou de "cultura caipira". A proposta não foi aceita pela gravadora, mas foi feito um lançamento bancado pelo próprio Cornélio Pires onde eram contadas histórias musicadas da vida do homem que vivia nas áreas rurais do Brasil obtendo grande sucesso comercial (SILVA, 2018).

² Ver Antunes (2012, p.21-22).

Essas histórias, também chamadas de "causos", tinham grandes durações e uma parte declamada antes de efetivamente começar a parte cantada. Algumas limitações técnicas de gravações em vinil, como o tempo de gravação, acabaram sugerindo as primeiras alterações na música caipira para se adequar a determinados formatos comerciais. Mais tarde o estilo passaria por outras transformações que caracterizariam o termo música sertaneja. Podemos encontrar em Bernardelli (1992), trechos de entrevista com Tonico e Tinoco em que contam que quando moravam na fazenda tocavam "romances", estórias tão longas que se fazia pausa no meio para tomar café. Zan, em pesquisa que cita essa entrevista, lembra ainda que:

quando se transformaram em artistas urbanos (Tonico e Tinoco) não puderam gravar as mesmas músicas que cantavam na fazenda. O próprio disco de 78 rpm impunha uma limitação de tempo à música, pois comportava aproximadamente 3 minutos de gravação em cada lado (Zan, 2016,p.3).

Enquanto ainda usava a denominação "música caipira", a estrutura rítmica se baseava na moda de viola e a instrumentação contava basicamente com viola caipira e voz ainda nas primeiras décadas do século XX. Aos poucos foi absorvendo outros instrumentos, primeiramente o baixo (acústico) e a sanfona, e nas décadas seguintes, o baixo e a guitarra elétrica. Depois de algum tempo, o estilo começou a incorporar outros elementos musicais tocados no interior do país como a valsa, a guarânia e até de outros países como a polca paraguaia. Outras fusões aconteceram com artistas trazendo influências de músicas e danças regionais como o arrocha, a vanera, o cateretê e internacionais como o rock e a *country music* norte americana. Com essas e outras transformações, ela começou a ser reconhecida como música sertaneja (TINHORÃO, 1974). Essa diversidade rítmica exige do baixista grande versatilidade e conhecimento de propostas musicais diferentes que estão cada vez mais presentes principalmente nos dias atuais onde o sertanejo incorpora, por exemplo, componentes da música caribenha como o *reggaeton*.

Exemplo de levada de Arrocha E F# G#m



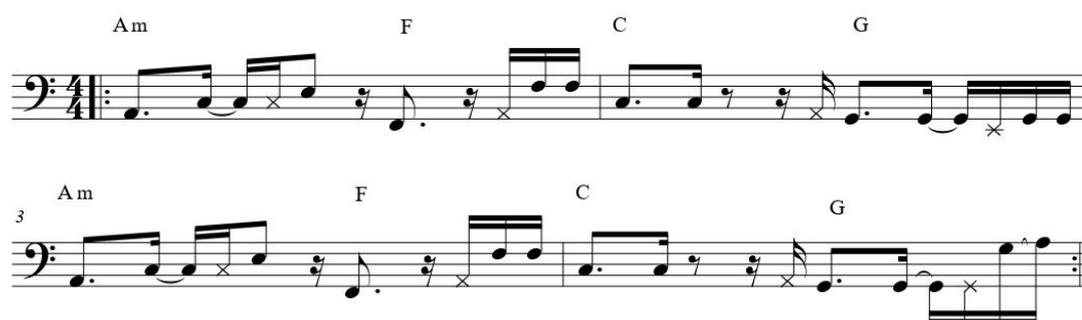
Exemplo 1 – Levada de baixo para arrocha – 2019 – Elaboração própria do autor.

Exemplo de levada de Vanera



Exemplo 2 – Levada de baixo para vanera – 2019 – Elaboração própria do autor.

Exemplo de levada de reggaeton



Exemplo 3 – Levada de baixo para reggaeton – 2019 – Elaboração própria do autor.

O campo de produção da música sertaneja gera muitas oportunidades de trabalho. Segundo Almeida (2018) o estilo domina diversos rankings de exibição pública de música monitorada pelo Ecad³. O órgão registrou em 2016 o número de 11 canções sertanejas entre as 20 mais tocadas em bares, restaurantes, hotéis, clubes, e casas de shows do país. Esses dados mostram o seu alcance nacional que se reflete diretamente na quantidade de oportunidades de trabalho para músicos nesse estilo. Podemos observar abaixo gráficos do Ecad para o ano de 2018:

³ Ecad (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição) é uma instituição privada criada por lei que administra a arrecadação e distribuição dos direitos autorais de execução pública musical.

100+, obras musicais por GÊNERO



Gráfico 1 – Obras musicais por gênero e sua execução pública - 2019 fonte: Ecad⁴

Apesar de todo o sucesso comercial, o aprendizado se baseia ainda na tradição oral, que acontece principalmente por meio da escuta e observação de outros músicos:

[...] a música e a viola caipira consolidaram sua identidade através de numerosas duplas, que incorporaram uma série de ritmos herdados pelos séculos de tradição oral da música rural no Brasil, tais como moda de viola, cururu, cateretê, toada, cana-verde, recortado, etc. (GUERRA, 2016, p.82).

Diante desse cenário pode-se considerar que há um grande espaço para produção e distribuição de métodos de ensino que o coloquem também no formato escrito. Com isso pode ser aberta a possibilidade de ajudar estudantes de música, especialmente de baixo elétrico, a ter contato com o estilo de maneira formal. Conhecer os subgêneros do sertanejo com suas linguagens características pode oferecer mais uma opção de trabalho como músico profissional.

Após uma análise da música sertaneja/caipira, diferentes termos para se referir ao estilo, contextos sociais, culturais e mercadológicos, fez-se necessária uma pesquisa acadêmica para ampliar o horizonte de materiais produzidos a respeito do assunto.

3. Pesquisa bibliográfica

Para fornecer subsídios para produção de material de ensino aprendizagem do baixo elétrico no sertanejo, foi feita uma pesquisa com o objetivo de analisar a produção

⁴ <https://www3.ecad.org.br/em-pauta/Paginas/ecad-comprova-sertanejo-e-o-ritmo-mais-ouvido-no-brasil.aspx> (acesso 11/11/2019)

acadêmica sobre a música sertaneja e o baixo elétrico. Foi feita uma pesquisa bibliográfica no mês de abril de 2019 nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, BDTD, CAPES, Amplificar, Scielo, ABEM e ANPPOM. Utilizando as palavras-chave "música sertaneja", "sertanejo" e "método de baixo elétrico", foram encontrados resultados satisfatórios somente nas três primeiras plataformas. As demais não ofereceram resultados ou ofereceram trabalhos que não se referem diretamente ao assunto solicitado. Os bancos de dados do Google acadêmico, CAPES e BDTD foram os que apresentaram resultados melhores em termos de quantidade e relevância dos trabalhos com 1.681, 170 e 17 resultados apresentados respectivamente após o uso de filtros por área de conhecimento ou assunto: "música".

3.1 Análise dos textos

3.1.1 Google acadêmico

A primeira base pesquisada foi o Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br>), em 26 de abril de 2019. Foi feita uma busca pelo termo "música sertaneja" e foram encontrados 17.758 resultados. Após utilizar o filtro área de conhecimento: música, esse número caiu para 1.681. Analisando os títulos e os resumos da 1ª página do site, optei por ater-me naqueles que se propuseram a abordar aspectos históricos da música sertaneja, o que julgo ser importante para a produção do artefato já que ele trará, além de levadas de sertanejo, informações sobre aspectos históricos de cada um dos subgêneros abordados. Foram escolhidos dois trabalhos para serem comentados; uma dissertação e um artigo. O motivo dessa escolha foi o fato de o primeiro se ater ao contexto histórico do sertanejo no século XX, principalmente a partir da 1ª gravação feita em 1929 e o segundo tratar do período "pré-histórico" do sertanejo, entre o final do século XIX e início do século XX. Dessa forma podemos abordar de forma ampla as transformações culturais, sociais e hibridismos que influenciaram o surgimento e desenvolvimento da música sertaneja.

A música sertaneja como uma das vertentes da identidade goiana

Essa dissertação de mestrado em música feita por Edna Rosane de Souza Sampaio na Universidade Federal de Goiás, situa a música sertaneja num contexto histórico e musical. Ela fala dos meios geográficos, culturais e sociais nos quais o gênero surge e se desenvolve ao longo do século XX. Foram consideradas as várias transformações acontecidas, os hibridismos, a influência da indústria cultural e da globalização neste processo. É uma fonte

muito importante para o desenvolvimento do método de baixo elétrico para música sertaneja já que trata também de subgêneros pouco abordados em outros trabalhos como o cateretê, cururu, cana verde, toada em seus contextos históricos e musicais

(Des)Territorialização e Novos Hibridismos na Música Sertaneja

Esse trabalho é um artigo feito pelo Professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, José Roberto Zan. A importância dessa pesquisa para o meu trabalho se dá pelas informações históricas do surgimento do sertanejo antes da primeira gravação feita por Cornélio Pires em 1929. Muitos autores usam esse ano como ponto de partida para estudo do estilo, mas José Roberto Zan aborda as manifestações artísticas de origem europeias, sua fusão com as tradições indígenas e propõe hibridismos que possam ter ocorrido no período "pré-histórico" da música sertaneja.

3.1.2 Biblioteca digital de teses e dissertações

A segunda base de dados pesquisada foi a Biblioteca digital de teses e dissertações (BDTD - <http://bdtd.ibict.br/>) na mesma data (26/04/2019). Foram encontrados 537 resultados para a palavra-chave "sertanejo" após o uso do filtro "assunto": música sertaneja, esse número caiu para 17.

Analisando os títulos dos trabalhos que aparecem na 1ª página, me aprofundi no estudo de 2 artigos que tratam a música sertaneja sob a ótica da sociedade de consumo, o sertanejo enquanto produto. Esse detalhamento pode contribuir para a produção do meu artefato, apresentando dados que justifiquem sua produção e orientando uma estratégia de posicionamento de mercado do produto. Dados a respeito do consumo de produtos relacionados, público alvo e informações demográficas, podem influenciar o conteúdo e a forma do método.

Música sertaneja contemporânea: indústria cultural e consumo

Essa pesquisa é resultado de uma dissertação de mestrado em história da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná de Gabriel Barbosa Rossi da Silva. O autor é neto de trabalhadores rurais que migraram do Rio Grande do Sul para o Paraná para trabalhar no campo e acabou tendo uma relação íntima familiar com o meio rural e suas

manifestações artísticas. Apesar da relação forte com a música caipira por influência dos avós ele produz um trabalho muito aprofundado em diversos dos subgêneros do sertanejo com enfoque especial no universitário que surgiu a partir dos anos 2000. Gabriel também faz entrevistas com profissionais de diversas áreas ligados ao sertanejo, músicos instrumentistas, compositores, produtores, empresários, radialistas e ouvintes. Outra parte importante desse trabalho é a análise de gráficos das canções mais executadas do país por ano e como é a presença do sertanejo nessas listas.

O negócio da música sertaneja no Brasil: tocando as emoções, as relações, o corpo e a alma

Diego Paulo Rhormens em sua dissertação de mestrado em administração procura entender como funciona o mercado sertanejo no Brasil. Ele se preocupa em produzir um trabalho que ajude os profissionais envolvidos nessa área a ter uma maior compreensão do mercado. Ele discute a função dos diferentes profissionais envolvidos na produção e divulgação da música sertaneja, procura entender quais os motivos da grande adesão de público e apresenta benefícios trazidos por esse tipo de expressão artística. O autor faz uma análise importante que pode trazer informações importantes para produção e comercialização de produtos na área. Ele traz também uma reflexão acerca da importância da música sertaneja como um patrimônio histórico e cultural brasileiro. Esse estudo pode contribuir para estabelecer bases em que o nosso artefato, método de baixo elétrico para música sertaneja seja um produto bem elaborado do ponto de vista educativo, artístico, mas que também esteja inserido de forma eficaz em uma lógica de mercado.

3.1.3 Catálogo de teses e dissertações CAPES

A terceira e última base de dados consultada com resultados relevantes foi o Catálogo de teses e dissertações da CAPES. (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>). O termo pesquisado foi "método de baixo elétrico" com 212.476 resultados. Foi um resultado surpreendente, porém, logo foi observado que muitos trabalhos eram relacionados a estudos de engenharia com assuntos em eletricidade, provavelmente por causa do uso da palavra "elétrico". Foram encontrados trabalhos sobre motores elétricos, Aplicações de Métodos Elétricos e Eletromagnéticos para diversas finalidades. Sendo assim, fizemos uso do

filtro de resultados área de conhecimento: "música", o que diminuiu para 170 a quantidade de resultados.

Após uma análise dos resultados apresentados na 1ª página do site, foram identificados poucos trabalhos relacionados diretamente ao estudo do baixo elétrico, por isso resolvemos também analisar estudos de métodos de ensino de outros instrumentos a fim de conhecer diferentes metodologias de ensino e formatos para produtos de educação musical. Resolvi me dedicar a 4 pesquisas, 3 sobre baixo elétrico para estudo e aprofundamento nessa área e 1 dissertação de mestrado com método de guitarra baiana feita num mestrado profissional, o que tem relação direta com nosso produto pois estamos no mesmo modelo de curso no PROEMUS.

O baixo elétrico no samba e a escuta no processo de aprendizagem: A importância da relação entre o baixo e a percussão.

Esse é um trabalho desenvolvido também na UNIRIO, porém no mestrado acadêmico. O autor, Sergio Castanheira foi meu colega de curso técnico de baixo elétrico na escola de música Villa Lobos e já o substituí em alguns shows. Por já conhecê-lo como colega de profissão sei da qualidade dos trabalhos que ele produz. Além disso o trabalho foi orientado também pela Prof.^a Dr.^a Luciana Requião que é orientadora do projeto Baixo Sertanejo. Esses motivos já foram determinantes para escolha desse material como referência para assuntos que poderei abordar no meu artefato. Nessa pesquisa Sérgio fala dos tipos de escuta propostos por Lucy Green, da relação entre o baixo e percussão tão importante no samba e que pode também ser observada no sertanejo entre baixo e bateria. O processo de enculturação vivido pelos baixistas entrevistados no trabalho pode também ser observado no sertanejo e de alguma forma influenciar o formato de apresentação do artefato com sugestões de audições de música ou exercícios cotidianos de percepção musical. Ele faz uma análise de alguns dos mais importantes métodos brasileiros de ensino do baixo elétrico que abordam o samba. Esse trabalho traz dados importantíssimos para produção de qualquer livro de educação musical que aborde o ensino do instrumento.

Guitarra Baiana: uma proposta metodológica para o ensino instrumental

Esse trabalho é uma dissertação aliada a um método que foi apresentado como trabalho final para o programa de mestrado em música da UFBA. Alexandre Siles Vargas

desenvolveu um trabalho que poderia ser considerado como "dois em um", uma dissertação de mestrado acadêmico e um método de ensino de guitarra baiana que é um artefato e poderia ser um projeto de um mestrado profissional. Ele relaciona o modo de aprendizagem da guitarra baiana com o conceito de aprendizagem informal identificado por Lucy Green, o que também pode ser referencial teórico para o meu método de baixo já que no sertanejo essa forma de aprendizagem também acontece. O autor faz uma análise profunda de materiais com fins de ensino do bandolim e da guitarra tradicional, o que pode trazer ideias de métodos, exercícios e formatações. Ele também analisa materiais de educação musical sob a ótica C(L)A(S)P de Keith Swanwick e usa alguns desses elementos no seu método que está no final do trabalho. Essas áreas de conhecimento musical (técnica, execução, composição, leitura e apreciação) podem também ser abordadas de algum modo no meu método.

Baixo contrabaixo: a linguagem tímbrica idiomática do baixo elétrico aplicada à composição Em nada é tudo

Gilmário Celso Bispo de Jesus traz nessa dissertação de mestrado defendida em 2016 na Universidade Federal da Bahia, algumas informações importantes sobre tipos de contrabaixo, timbres, captadores, amplificadores, técnicas e equipamentos eletrônicos como pedais de efeitos. A informação relevante para o meu trabalho contida aqui é a parte de recursos técnicos usados pelo baixista como slap⁵, glissandos, hammer-on⁶ e pull-off⁷ que também são utilizados no sertanejo e podem ser aplicados em exemplos do artefato. O pesquisador faz análises profundas e discorre de forma muito clara sobre as técnicas abordadas, além de fotos explicativas. Esse material pode inspirar abordagens mais claras e objetivas a fim de que o estudo do baixo sertanejo seja feito na melhor forma possível com o método que nos propomos a desenvolver

O desenvolvimento de linhas de baixo a partir de toques da música afro-baiana.

Essa pesquisa foi feita por Ivan Bastos de Araújo Costa na Universidade Federal da Bahia e é uma dissertação de mestrado em música que acompanha um vídeo-documentário

5 Essa técnica consiste em golpear as cordas com o polegar simulando o bumbo da bateria e puxar as cordas com o indicador simulando a caixa da bateria.

6 É uma técnica de tocar executada em instrumentos de cordas. Acontece martelando com firmeza a corda com um dos dedos para se produzir o som.

7 Pull Off é o contrário de Hammer On, enquanto o segundo consiste em martelar a corda para se produzir o som, o primeiro se dá através do movimento de retirada dos dedos das cordas para originar um novo som.

e é uma investigação acerca das possibilidades criativas para o desenvolvimento de linhas de baixo. O interesse nesse material se deu por admitirmos a possibilidade de incluir transcrições de linhas de baixo de músicas conhecidas do repertório da música sertaneja. Para isso seria interessante entender os fatores que influenciam os músicos nesse processo criativo. Infelizmente o arquivo da dissertação não estava disponível na plataforma, ela continha apenas as referências e o resumo. (https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2019460)

A partir dos trabalhos analisados foi possível aprofundar os conhecimentos do tema no que se refere ao sertanejo como elemento de identidade cultural que caracteriza espaços geográficos e sociais, além de importante produto de consumo da indústria musical. Outros estudos abordaram o baixo elétrico de maneira mais específica, sua relação com instrumentos de percussão, técnicas e linguagem características do instrumento sem, no entanto, fazer qualquer relação com a música sertaneja. A fim de buscar materiais que relacionassem o instrumento e o estilo estudados nesse trabalho, procuramos expandir a pesquisa para materiais não acadêmicos de ensino do baixo elétrico na música brasileira.

4 - Análise de métodos de baixo elétrico para música brasileira

Para atingir de uma forma mais plena o objetivo dessa pesquisa, que é obter suporte para produção de material de ensino aprendizagem do baixo elétrico na música sertaneja, foi preciso ir em busca de materiais que abordem de uma forma mais específica o ensino do instrumento, especialmente na música brasileira. Além da pesquisa nas bases de dados informadas no item anterior, foi feita também uma busca fora do ambiente acadêmico. Foi possível analisar materiais utilizados em cursos técnicos, livres e no aprendizado informal do contrabaixo. Partindo da premissa que não existem materiais escritos com fins de ensino para música sertaneja, especialmente para o baixo elétrico, os métodos de música brasileira podem fornecer informações importantes para desenvolvimento do nosso artefato.

Uma pesquisa foi realizada em catálogos de editoras brasileiras especializadas em livros na área da música, sites de vendas de livros novos e usados, consultas a professores e alunos de contrabaixo em cursos livres e profissionalizantes. Alguns desses métodos foram utilizados por mim enquanto aluno dos cursos básico e técnico da Escola de Música Villa Lobos,

em aulas particulares com diversos professores, entre eles o autor de alguns desses livros analisados, Adriano Giffoni.

Título	Autor	Editora	Ano	Aborda sertanejo
Música Brasileira para Contrabaixo - Volume 1	Adriano Giffoni	Irmãos Vitale	1997	Não
Slap com ritmos brasileiros	Adriano Giffoni	HMP	2010	Não
Bass Solo - Segredos da improvisação	Nico Assumpção	Irmãos Vitale	2000	Não
Música Brasileira para Contrabaixo - Volume 2	Adriano Giffoni	Irmãos Vitale	2002	Não
Bateria e baixo na música popular brasileira	Gilberto de Syllos / Ramon Montanhaur	Irmãos Vitale	2003	Não
Dicionário brasileiro de contrabaixo elétrico	Jorge Pescara	H. Sheldon	2004	Não
Técnicas para baixo elétrico na música brasileira	Gilberto de Syllos	Souza Lima	2008	Não
Manual do groove - o contrabaixo completo	Jorge Pescara	Irmãos Vitale	2008	Não
Contrabaixo Brasileiro	Sizão Machado	Souza Lima	2010	Não
10 Estudos para contrabaixo com ritmos brasileiros	Adriano Giffoni	Pontocommusica	2010	Não
Baião e ritmos nordestinos	Gilberto de Syllos	Souza Lima	---	Não
Contrabaixo no Choro	Francisco Falcon	Ilustre	2017	Não
Método de Contrabaixo - Ritmos Nordestinos	João Souza	DPX	2014	Não

Tabela 1: publicações para o contrabaixo

Apesar da produção de métodos de contrabaixo elétrico na música brasileira ter crescido muito, principalmente nos últimos 20 anos, não foi encontrado em nenhum dos pesquisados, referências à música sertaneja. Alguns métodos dedicaram capítulos a alguns gêneros da música nordestina como afoxé, frevo, ciranda, maracatu; da região sudeste como samba, choro, bossa nova, mas nenhum deles se referiu a nenhum estilo da região centro oeste. As origens do sertanejo estão ligadas à esta região, uma parte do sul (oeste do Paraná) e do sudeste do Brasil (interior de São Paulo) e ao longo dos anos se fundiu com subgêneros de outras regiões do país como o arrocha, nascido no recôncavo baiano. Mesmo assim nenhum dos subgêneros do sertanejo foram abordados em nenhum desses livros.

Foi feita uma análise da forma como alguns dos autores abordaram o ensino aprendido do instrumento nesses livros para buscar subsídios que apoiem a produção de um

material de ensino aprendizagem em música sertaneja. Nos limites deste artigo nos detemos a analisar apenas 4 dos métodos citados na tabela acima: "Música Brasileira para Contrabaixo" - Volumes I e II e "Slap com ritmos brasileiros" de Adriano Giffoni e "Contrabaixo no Choro" de Francisco Falcon. Como se trata de uma análise ainda preliminar, optamos por métodos que já foram estudados pelo autor do artigo quando aluno de contrabaixo elétrico além de terem sido produzidos por baixistas de destaque no cenário musical. Os 3 primeiros foram escolhidos também por terem sido escritos por um baixista que é referência no contrabaixo na música brasileira. A escolha do "Contrabaixo no Choro" se deu por ser um produto feito por um baixista também reconhecido no meio mas sobretudo por ter sido desenvolvido no mesmo programa de mestrado onde pretendemos desenvolver o nosso artefato.

4.1 Música Brasileira para Contrabaixo - Volumes I e II - Adriano Giffoni

Quando se pesquisa as palavras "contrabaixo" e "música brasileira" nos principais sites de busca⁸, os nomes mais citados nas primeiras páginas são Adriano Giffoni e o método Música Brasileira para Contrabaixo. Segundo o pianista e compositor Antonio Adolfo na página 7 do método citado, volume I: "Não é à toa que, quando penso em contrabaixo, o primeiro nome que me vem à cabeça é o de Adriano Giffoni."

Os volumes I e II foram publicados, respectivamente, em 1997 e 2002. Ambos usam exemplos escritos somente em partituras, por isso, pode-se entender que sejam destinados a baixistas já com alguns conhecimentos de leitura e escrita musical. No volume I os estudos são divididos por estilos como alguns dos vários subgêneros do samba (partido alto, samba funk, sambaião, entre outros), afoxé, baião, ciranda, xote, maracatu, frevo e quadrilha sempre utilizando a extensão do baixo de 4 cordas na afinação padrão (sol, ré, lá, mi). Além disso possui uma parte dedicada exclusivamente ao *slap* na música brasileira e outra ao baixo de 5 cordas com exemplos que usam notas da 1ª posição da 5ª corda. O volume II segue o mesmo modelo didático abordando outros estilos como a bossa nova, o choro, forró, maxixe, entre outros. As duas últimas partes são dedicadas ao baixo *fretless*, ao baixo de 6 cordas e algumas formas de utilizá-los na música brasileira.

⁸ Pesquisa feita em www.google.com em 16 de outubro de 2019.

4.2 Contrabaixo no Choro - Francisco Falcon

Esse trabalho e resultado do programa de mestrado profissional - PROEMUS da UNIRIO e nele Francisco Falcon aborda o choro como uma possibilidade de evolução técnica no estudo do contrabaixo. Na primeira parte ele apresenta textos contando a história do choro, os tipos de choro com suas especificidades e exemplos com partituras cifradas e tablaturas, o que permite que o material possa ser utilizado também por músicos que não tenham domínio de leitura musical. O autor recomenda alguns compositores e músicas do estilo para audição ainda na primeira parte. Fala sobre a relação do violão de sete cordas com o contrabaixo e apresenta exemplos de conduções onde o violão de 7 cordas está presente e quais adaptações devem ser feitas na sua ausência no conjunto musical. O autor também propõe estudos de escalas, cromatismos e arpejos e os aplica em conduções do estilo. Mais à frente são adicionadas notas de passagem nas levadas e depois coloca o instrumento também na função de solista, executando melodias compostas por ele e clássicos do choro. Para finalizar são apresentados arranjos para duos de contrabaixos tocando clássicos de alguns dos principais compositores do estilo. Um dado importante desse livro é a preocupação com a contextualização histórica do choro, seus diversos tipos, dos compositores e principais obras.

4.3 Slap com ritmos brasileiros - Adriano Giffoni

O autor aborda nesse livro algumas possibilidades de levadas de música brasileira no contrabaixo utilizando a técnica de *slap*. Ele faz uso exclusivo de partituras para escrever todos os exemplos musicais e tem um texto introdutório que fala sobre a técnica e apresenta alguns símbolos usados. Como o autor não se aprofunda muito na explicação do *slap* e faz uso somente de partituras para a escrita, pode-se considerar que é um método voltado para estudantes com nível técnico intermediário e com bons conhecimentos de leitura de partitura e de diferentes articulações como *thumb*, *pop* e *ghost notes*.

São apresentados exemplos de levadas de baião, samba, Ijexá, partido alto, maracatú, xote, forró, sambão, sempre utilização da técnica de *slap* e considerando a extensão do baixo de 4 cordas. A última parte é feita com levadas que consideram a extensão de um baixo de 5 cordas. Antes de cada parte o autor escreve pequenos textos sobre cada exemplo que funciona como uma bula a ser lida antes de executar as levadas. Giffoni chama atenção

para as particularidades de cada levada e aspectos importantes a serem observados conforme vemos a seguir:

Nesse exemplo tocado nos acordes E7 e A7, a segunda e terceira notas do primeiro tempo de cada compasso é tocada [sic] com notas mortas⁹. Há uma passagem de meio tom entre o segundo e o terceiro compassos. A levada termina com um efeito de ligadura de segunda e terceira notas do segundo tempo do compasso. (GIFFONI, 2010, p.9).

O autor faz algumas relações do baixo com instrumentos de percussão e ressalta a importância de o baixista ter uma boa consciência rítmica: "Esse exemplo mostra a combinação de polegar e indicador em semicolcheias no primeiro tempo. No segundo, o polegar faz o papel do surdo" (GIFFONI, 2010, p.7).

Após análise desse material ficou reforçada a ausência de material com fins de ensino do baixo elétrico que aborde algum dos subgêneros do sertanejo. O fato de alguns métodos abordarem o slap na música brasileira e até existir um livro específico para isso demonstram a importância dessa técnica que pode ser agregada ao produto "Baixo Sertanejo". Outro fator de destaque foi a importância dada à relação rítmica entre baixo e instrumentos de percussão/bateria que foi ressaltada por grande parte dos materiais analisados e pode ser outro elemento importante para a produção do artefato proposto.

5 - Conclusão

Após a escolha das palavras chaves norteadoras da nossa pesquisa: "música sertaneja", "sertanejo" e "método de baixo elétrico" e pesquisa bibliográfica nas bases de dados, podemos perceber escassez de materiais sobre os assuntos quando pesquisados separadamente e ausência de trabalhos que abordem o ensino do baixo elétrico para música sertaneja. Mesmo no ambiente não acadêmico não se encontrou material de ensino voltado exclusivamente para o baixo elétrico na música sertaneja. A presença de trabalhos relacionados à história do estilo musical no Brasil demonstra relevância do assunto e as pesquisas voltadas para a importância comercial do sertanejo apresentam dados que apontam o potencial econômico e pode refletir uma demanda por produtos de educação musical do estilo. A preocupação de pesquisadores em produzir métodos de baixo e outros instrumentos, como a guitarra baiana, que tem seu modelo de ensino aprendizagem baseados na tradição

⁹ É uma nota musical com um valor rítmico, mas que produz um efeito apenas percussivo, sem nenhuma altura definida. Na notação musical, isso é representado por um "X" na partitura para a "cabeça" da nota em vez de uma notação oval..

oral, corroboram com a hipótese de que o processo de ensino aprendizagem do baixo elétrico na música sertaneja pode ser sistematizado e trazido para o ambiente formal.

O sucesso comercial do sertanejo desperta interesse pelo seu estudo, principalmente por vias informais e pelo compartilhamento de vídeos de levadas de contrabaixo para os principais sucessos do estilo em redes sociais com milhares de acessos¹⁰. Muitos dos comentários desses vídeos solicitam transcrições, videoaulas e colocam em discussão dúvidas sobre as construções das linhas de baixo no sertanejo. Esse trabalho pode trazer também benefícios culturais promovendo a expansão dos horizontes musicais dos alunos e ajudando a estabelecer o estilo como parte importante da cultura brasileira.

A partir dessas reflexões consideramos que um material de ensino aprendizagem que aborde o baixo elétrico na música sertaneja pode ser uma ferramenta útil para o aprendizado da construção de linhas de baixo no estilo, aprimoramento de algumas técnicas do instrumento, além do aprofundamento do estudo da música sertaneja e suas particularidades. Isso pode ampliar oportunidades de trabalho para o baixista no mercado da música popular.

Buscando cumprir etapas da metodologia *design science research* e na procura de construtos teóricos para dar suporte à elaboração de um trabalho de ensino aprendizagem do baixo sertanejo, encontramos subsídios em leituras a partir de trabalhos como: "Processos de aprendizagem de músicos populares: um estudo exploratório" de Simone Lacorte de onde podemos citar: "Assim, aprendizagem do músico popular envolve uma complexidade de atos mentais ainda pouco explorados e compreendidos no processo de ensino-aprendizagem da música". O artigo citado acima tem como objetivos investigar experiências iniciais de aprendizagem; identificar significações sobre músico "bom de ouvido" e "escuta atenta e intencional" baseada nos conceitos de Green (2000); investigar a experiência profissional do músico popular e como isso se constitui no processo de aprendizagem continuada. Nele a autora focaliza processos de aprendizagem de músicos populares investigados através de entrevistas semi estruturadas. Lacorte conclui:

A sistematização do saber do músico popular, nas suas mais diferentes especialidades, representa um desafio para todos os profissionais da área. Esta é uma das formas de suprir a demanda do mercado de trabalho e democratizar o ensino da música no nosso país. (LACORTE, 2007, p.37)

¹⁰ Ver: https://www.youtube.com/results?search_query=levadas+de+baixo+sertanejo

Essas investigações relatadas acima contemplam as 4 primeiras etapas do método de pesquisa científica *Design Science Research* (DRESCH, 2015): identificação do problema, conscientização do problema / revisão da literatura, identificação dos artefatos e configuração das classes de problemas e proposição de artefatos para resolução do problema.

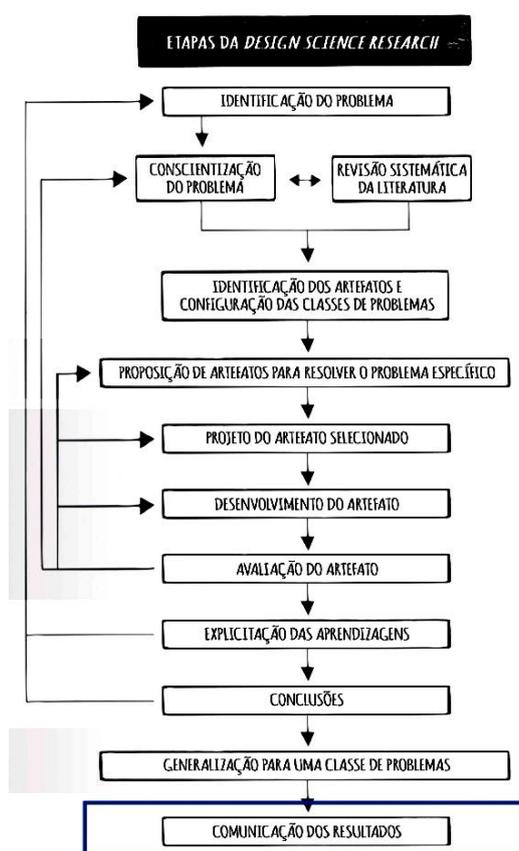


Tabela 2 - Design Science Research (DRESCH, 2015, p.134)

O presente artigo se propôs a demonstrar os passos iniciais de uma pesquisa baseada nos moldes da metodologia *design science research* com objetivos de produzir conhecimentos que deem suporte ao desenvolvimento de material de ensino aprendizagem do baixo elétrico na música sertaneja.

Pretendemos futuramente aprofundar a pesquisa e concluir as etapas seguintes da metodologia proposta: proposição do artefato para resolver o problema, projeto, desenvolvimento e avaliação do artefato, explicitação das aprendizagens, conclusões, generalização de uma classe de problemas e comunicação dos resultados como parte final do curso de mestrado profissional em ensino das práticas musicais da UNIRIO.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adrielly Campos e. **A história da música sertaneja contada pelo Fantástico: uma análise do Bem Sertanejo**. 2018. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

ASSUMPCÃO, Nico. **Bass solo: segredos da improvisação**. Rio de Janeiro: Lumiar, 2000.

BERNARDELLI, Maria Madalena. **Breve histórico da música caipira**. São Paulo. Publicação Imprensa Oficial do Estado de São Paulo S/A-IMESP: 9, 1992.

CASTANHEIRA, Sérgio. **O baixo elétrico no samba e a escuta no processo de aprendizagem: A importância da relação entre o baixo e a percussão**. 2016. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CALDAS, Waldenyr. **Acorde na aurora: música sertaneja e indústria cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977. 168 p.

COSTA, Ivan Bastos de Araújo. **O desenvolvimento de linhas de baixo a partir de toques da música afro-baiana**. 2014. Dissertação (Mestrado em música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

GALVÃO, A. C. T.; LACORTE, S. **Processos de aprendizagem de músicos populares: um estudo exploratório**. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 17, p. 29-38, 2007.

GIFFONI, Adriano. **Música Brasileira para Contrabaixo Volume I**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1997.

_____ **Música Brasileira para Contrabaixo Volume II**. Rio de Janeiro: Lumiar, 2002.

_____ **Método de Contrabaixo: Slap com Ritmos Brasileiros**. São Paulo: HMP, 2010.

_____ **Método de Contrabaixo: 10 estudos para contrabaixo em ritmos brasileiros**. São Paulo: Pontocommusica, 2010.

GREEN, Lucy. **How popular musician learn: a way ahead for music education**. London: Ashgate, 2001.

GUERRA, Luiz Antonio. Um olhar sobre a tradição e o moderno nas orquestras de violeiros. **Tulha**, Ribeirão Preto - SP, v. 2, n. 1, p.77-91, jan. 2016.

JESUS, Gilmaro Celso Bispo. **Baixocontrabaixo:** a linguagem tímbrica idiomática do baixo elétrico aplicada à composição Em nada é tudo. 2016. 205 f. Dissertação (Mestrado em música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

KNIE, Edeltraut Lüdtke. VASQUES, Letícia Veiga. **O modelo C(L)A(S)P aplicado no desenvolvimento musical:** identificando estratégias para desenvolver o modelo C(L)A(S)P no processo de ensino e aprendizagem da música. 2016.

MACHADO, Sizão. **Contrabaixo Brasileiro.** São Paulo: Editora Espaço Cultural Souza Lima, 2010.

MUGNAINI JUNIOR, Ayrton. **Enciclopédia das Músicas Sertanejas.** São Paulo: Letras & Letras, 2001. 202 p.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga. **Instrumentos Musicais Populares Portugueses.** Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/ Museu Nacional de Etnologia, 2000.

PESCARA, Jorge; **Manual do groove:** o contrabaixo completo. Editora Irmãos Vitale, 2008.

_____ **Dicionário brasileiro de contrabaixo elétrico.** Editora H Sheldon, 2004.

RHORMENS, Diego Paulo. **O negócio da música sertaneja no Brasil:** tocando as emoções, as relações, o corpo e a alma. 2018. 306 f. Dissertação (Mestrado em administração) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SAMPAIO, Edna Rosane de Souza. **A música sertaneja como uma das vertentes da identidade goiana.** 2010. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Letras e Artes, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

SERTANEJO. In: TREVISAN, Rosana (Org.). **Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sertanejo>>. Acesso em: 27 set. 2019.

SILVA, Gabriel Barbosa Rossi da. **Música sertaneja contemporânea:** indústria cultural e consumo. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2018.

SOUZA, João. **Método de Contrabaixo:** Ritmos Nordestinos - Editora DPX, 2014

SWANWICK, Keith; FRANÇA, Cecília Cavalieri. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. **Revista em Pauta**, Porto Alegre, v. 13, n. 21, p.5-42, dez. 2002.

SWANWICK, Keith. **A Basis for Music Education.** Editora Routledge, 1979.

SYLLOS, Gilberto. **Baião e ritmos nordestinos.** Rio de Janeiro: Lumiar, 2003.

_____ **Técnicas para Baixo Elétrico na Música Brasileira.** São Paulo: Editora Espaço Cultural Souza Lima, 2008.

_____ **Bateria e Contrabaixo na Música Popular Brasileira.** Rio de Janeiro: Lumiar, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena história da música popular:** Da modinha à canção de protesto. São Paulo: Editora Vozes, 1974.

VARGAS, Alexandre Siles. **Guitarra Baiana:** uma proposta metodológica para o ensino instrumental. 2015. 331 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VILELA, Ivan. **Cantando a própria história:** Música caipira e enraizamento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. 328 p.

_____ Na toada da viola. **Revista Usp**, São Paulo, n. 64, p.76-85, 1 fev. 2005.

ZAN, José Roberto. **(Des)Territorialização e Novos Hibridismos na Música Sertaneja.** 2016. 6f. Anais do V Congresso Latino-americano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular - Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, SP, 2016.